

LAZARILLO DE TORMES, O MARGINAL E(M) SUA POÉTICA DO (DES)LUGAR PRIVADO

Amanda Naves Berchez
Unesp - Araraquara
(amandaberchez@gmail.com)

Resumo

Nosso principal objetivo é fazer uma análise de *Lazarillo de Tormes* que evidencie seu enveredar por diferentes campos de *marginalidade*, como em aspectos teóricos e histórico-literários, em elementos da narrativa (sobretudo, personagem e espaço), em domínios como o social, o político e o religioso. Para tanto, mobilizamos metodologias distintas, num exercício mais tendente à leitura histórico-sociológica, tanto por isso uma de nossas hipóteses ser a de que o deslocamento (ou *deslugaridade*) experimentado pela obra em vários níveis é sintomático do fenômeno de transição de uma sociedade medieval disposta em reinos cristãos sob regime e princípios senhoriais para outra estruturada entre ricos e pobres (isto é, do ponto de vista da posse de riquezas e dinheiro), de natureza secular e com ideologia burguesa, marcada pelo relativismo religioso e pela autoafirmação individual. Neste sentido, *Lazarillo* ilustra como a pobreza, para mais que uma questão econômico-político-social, se torna também matéria *do e para o* intelecto, não à toa a censura sofrida até 1834. Enfim, empenhar-nos-emos em mostrar como a literatura trabalhou com a afloração, do ponto de vista ficcional, de uma sociedade civil, sua essência *versus* sua aparência, suas promessas, seus perigos, seus insucessos.

Palavras-chave: *Lazarillo de Tormes*. Romance picaresco. Marginalidade. *Siglo de Oro español*. Ideologia burguesa.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Amanda Naves Berchez

Doutoranda em Estudos Literários pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL/CAR) da Universidade Estadual Paulista (UNESP); mestra em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); graduada em Letras (Português e Literaturas de Língua Portuguesa - Licenciatura) pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), onde está em andamento sua habilitação em Inglês/Literaturas de Língua Inglesa e Espanhol/Literaturas de Língua Espanhola.



<http://lattes.cnpq.br/7770382882528645>



<https://orcid.org/0000-0002-2137-8024>

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

LAZARILLO DE TORMES, O MARGINAL E(M) SUA POÉTICA DO (DES)LUGAR PRIVADO

Amanda Naves Berchez
Unesp - Araraquara
(amandaberchez@gmail.com)

Apresentação

“The novel [...] is part of the discursive totality of a given epoch, occupying a place opposite its ideologically authoritative core. Its conception is itself a story about an escape from authority, which is often its subplot.”

— ROBERTO GONZÁLEZ ECHEVARRÍA

Sabemos da prosperidade literário-cultural da Espanha na época que compreendeu o que se conhece como *Siglo de Oro* ou *Golden Age*. Isto é, o intervalo aproximado entre o fim do século XV (coincidente com o também fim do fenômeno da *Reconquista*, a ser melhor tratado em breve, o marco histórico do *Descubrimiento de América* e a ascensão política do *Imperio Español*, também chamado *Monarquía Hispánica* ou *Católica*, tendo a unificação do Estado espanhol se dado com o matrimônio dinástico de Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão) e meados do século XVII, mas, sobretudo, o XVI. Foram dele características altas produções e conquistas artísticas, vide as obras-primas de El Greco e Velázquez, assim como a composição de *Don Quijote de la Mancha* por Cervantes. Mas parte disso cabe à obra *Lazarillo de Tormes* (composta entre 1530 e 1534 e publicada em 1554¹) e ao feito a ela usualmente creditado (isso em atenção às divergências observadas em sua crítica) de ter fundado (ou, ao menos,

¹ Em 1554, segundo Durán (2016, p. 21), foram impressas quatro versões distintas de *Lazarillo* em Burgos, Medina del Campo (versão que diz “*acabose a primero del mes de marzo*”), Amberes e Alcalá de Henares (versão em cujo colofão constava que “*fue impresa*” “*a veinte y seis de febrero*” de 1554 e em cuja página de rosto se dizia: “*Nuevamente impresa, corregida y de nuevo añadida en esta segunda impresión.*”). Essa informação vale para comunicar que nenhuma dessas versões é a original, da qual se aproximariam, todavia, mais as de Burgos e Medina.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

pavimentado o caminho para que se pudesse, mais adiante, fazê-lo) um novo gênero literário: o romance picaresco.

Este último termo arranja-se de “pícaro”, o qual, por sua vez, estudos como os de González (em prefácio à edição de 1992 da obra em questão), à altura do surgimento dela, apontam muito provavelmente ter sido utilizado para se referir aos rapazes ajudantes de cozinha. Sentido esse que se estendeu a figuras desocupadas ou subempregadas entregues à delinquência e, assim, forçadas a sobreviver recorrendo à astúcia, à arte do engano e da trapaça. No relato em formato de epístola em que dá a conhecer sua vida, o protagonista Lázaro deixa clara sua burla, em meio a lutas econômicas, várias vezes até em se tratando da morte: “*the pícaros contend daily with both social disenfranchisement and physical deprivation.*” (CRUZ, 1999, p. XIII).

Esse prelúdio sobre obra, gênero instaurado por ela e o contexto de seu surgimento serve para introduzir a leitura a ser por nós desenvolvida no objetivo-mor de deslindar as relações entre literatura e sociedade, isto é, ler *Lazarillo* investigando as várias questões e instâncias que atravessam sua composição, que veio no auge de uma Espanha imperial. Esse auge compreende um período de mudanças, principalmente, no paradigma histórico (despedida da Idade Média, esmaecendo com ela sistemas como o senhorial) e econômico (instauração ofegante da burguesia), que foram sentidas como perigosas por uma Igreja Católica potente, resistente, ávida em alastrar-se.

Tais alçadas ora introdutoriamente apresentadas e outras mais (exemplo: tradição e gênero literários, conjuntura histórico-social, hegemonia político-religiosa, assim como autoria) serão devidamente esmiuçadas a seguir. Nossa mais importante hipótese é a de que o caminho para a *literatura dos pícaros* foi trilhado pela referida obra no legado e na transmissão de conflitos e desates promovidos por complexos domínios diversos que, por sua vez, promoveram, mesmo para os seus (isto é, para aqueles que deveriam zelar), a vida às margens, a não vivência e, sim, sobrevivência, o espaço do não pertencimento. E, com isso, temos o que denominamos “poética do *deslugar*”, protagonizado pelos muitos “Lázaros”, indigentes ficcionais e lamentavelmente reais. Dentre tais conflitos e desates, focaremos no que acreditamos talvez ser o mais proeminente: a cada vez mais resoluta e menos flexível imposição de uma norma aristocrática (cristã) sobre o ímpeto burguês de configuração autônoma (secular) do indivíduo, sua autoafirmação.

1 “*y vean que vive un hombre con tantas fortunas, peligros y adversidades*” ou sobre o estabelecimento da literatura picaresca

Este gênero nascido na Espanha renascentista põe em evidência um “yo” (pois sua narração é necessariamente em primeira pessoa) e caracteriza-se, *in nuce*, pela construção episódica com incidência cômica, apontamento moral, e tem seu pano de fundo na baixa vida. Em atenção ao fato de a palavra “pícaro” não aparecer em *Lazarillo* nem seu autor mostrar ciência sobre quaisquer outras criações a este sentido enveredadas é que também dissemos um

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

pouco atrás que o parecer da crítica quanto à relação da obra com o gênero picaresco é dúbia. Podemos ilustrar isso com os posicionamentos de dois pensadores de peso da tradição literária espanhola, os quais sendo Parker (1967) e Guillén (1971, p. 93): o primeiro acredita que a obra é menos um protótipo do que seu precursor, razão por que nem a elenca para seu estudo da literatura picaresca do fim do século XVI até o XVII, e o segundo, seu oposto, a toma, mesmo com sua referência estando no século XX, como “*the masterpiece of the genre*”. Essa dubiedade pode ser assimilada pelo fato de que, a despeito de tal obra ter aberto as portas para um novo gênero, sua proposta ideológica é gravemente destoante da de dois representantes picarescos sucessores a ela, *Guzmán de Alfarache* de Mateo Alemán e *El buscón* de Francisco de Quevedo, em função da moral católica destes².

Discussões à parte, o fato é que *Lazarillo* é a narrativa mais antiga de que se tem conhecimento a se debruçar sobre uma cultura socialmente inferior e faz protagonista de um indigente cabal das áridas planícies castelhanas, como que destituído de juventude, deslindando sua vida marginal pela dinâmica da pobreza, condição da qual não consegue esquivar, conforme vemos quase por toda a obra (ao menos, até atingir a idade adulta).

2.1 “*reciba el pobre servicio de mano de quien lo hiciera más rico si su poder y deseo se conformaran*” ou sobre a miséria na Espanha renascentista

¿Por qué la historia de un mozo pobre que tras muchos esfuerzos alcanza el oficio de pregonero en Toledo llegaba a quitarle el sueño al Inquisidor General?

— ALDO RUFFINATTO

A noção de prosperidade comentada instantes atrás, associada às de abundância e riqueza do Império Espanhol, não (se) refletia (n)a realidade da sociedade espanhola, pois sua população digladiava estados de miséria e, por isso, se via amiúde forçada a recorrer, senão propriamente a delitos, a esmolas. Esta conjunção social acarretou ao universo das aparências importância e proporções avassaladoras, como lemos em *Lazarillo de Tormes*, entre cujas intenções está a de revelar os verdadeiros arranjos dessa Espanha do *Siglo de Oro*, onde mesmo aqueles ocupando posições mais altas na hierarquia social sofriam com a fome.

Uma prova disso é a avareza do clérigo no segundo tratado, figura que trancafiava cebolas num quarto e seus pães numa arca para que Lázaro não os comesse, o alimentava com restos alegando, por causa disso, sua suposta boa vida – “*y dábame todos los huesos roídos, y*

² Ao contrário de *Lazarillo*, tais obras contam com uma vertente didatizante para mostrar o preço do delito, da inconformidade, já que seus autores eram comprometidos com o Estado/a Igreja Católica e trabalhavam deliberadamente a favor desta (sua leitura, portanto, é muito mais barroca, em busca de uma transcendência, do que maniqueísta, em essência, questionadora da realidade e seus valores). A ideia nelas é a de que o pícaro não serve para aquele mundo.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

dábamelos en el plato, diciendo: – Toma, come, triunfa, que para ti es el mundo. ¡Mejor vida tienes que el Papa!" (1992³, p. 50) –, mantinha tudo de que dispunha contado – *"Bailábanle los ojos en el casco como si fueran de azogue, cuantas blancas ofrecían tenía por cuenta, y, acabado el ofrecer, luego me quitaba la concheta y la ponía sobre el altar."* (1992, pp. 50-52) –. De fato, a única ocasião em que Lázaro saciava sua fome era em funerais, motivo pelo qual suplicava a morte alheia, quando não sua própria, posto o quadro extremamente disfórico em que se situava: "[...] *en nada hallaba descanso, salvo en la muerte, que yo también para mí, como para los otros, deseaba algunas veces; mas no la vía, aunque estaba siempre en mí.*" (1992, p. 52). A pobreza de Lázaro, nesta linha de raciocínio, é fator decisivo na finalidade de contrastar o valor dessa personagem em comparação com o das classes tidas por mais nobres.

Aconteceu que essa Espanha moderna, em seus primórdios, foi moldada e ressoou conflitos entre um poder senhorial que veio se consolidando durante a Idade Média e uma sociedade burguesa ainda incipiente (SÁNCHEZ, 2003). Quer dizer: ali, estabilizou-se uma esfera de trocas econômicas (circulação de riquezas) que configurou as bases para a emergência da burguesia e sua percepção a ser impressa nas representações de questões morais e religiosas na literatura. A expressão de "*mi persona*", caracterizando um espaço de privacidade (que é a narração da própria vida e, por si só, já comporta uma ideologia burguesa), coroa a trajetória de Lázaro rumo a uma tomada de consciência e, por isso e a partir disso, à construção de uma individualidade, no que Sánchez (2003, p. 12) vislumbra como sendo "*the horizon of a secular self-determination*".

A discussão a que nos propusemos e muitos dos tópicos a ela respeitantes haverão de ser melhor assimilados se dermos um passo para trás na história da Espanha, no intuito de observar brevemente os processos pelos quais se constituiu e se robusteceu este cenário hispânico de domínio cristão a partir do qual foi ensejada a transição trazida à baila.

2.2 "tomad de las gracias que Dios os envía hasta vuestras casas, y no os duelá, pues es obra tan pía la redención de los cautivos cristianos que están en tierra de moros, por que no renieguen nuestra santa fe y vayan a las penas del infierno" ou sobre a edificação do colossal poderio político-social da Igreja Católica na Idade Média

Uma revisitação ao intervalo dos séculos XI e XIII nos conduz, geograficamente falando, ao entendimento de que a denominação "Espanha" contemplava, diferentemente da noção territorial que temos hoje, a extensão de toda a Península Ibérica, neste período, denominada *Hispania romana*. Sua configuração (mormente, no recorte temporal citado) se fez marcada por uma complexa e multifacetada rede de relações (convivência, troca, interferência mútua, transformação *etc.*), sobretudo, entre três grupos: os de origem cristã, muçulmana e judaica.

³ Todas as citações por nós feitas de *Lazarillo* são da edição de 1992, melhor especificada ao fim na seção "Referências bibliográficas".

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

Para abordar e entender este cenário hispânico medieval, acaba sendo não apenas pertinente como necessário recuperar uma conjuntura histórica que o antecede e a partir da qual se elucidam operadores conceituais como *Reconquista* e *Repovoamento*. Trata-se da fundação do Estado monárquico visigótico na Península Ibérica (especificamente, na cidade de Toledo), empreitada que teve enquanto premissa a crença dos visigodos – povo romanizado, de origem germânica, seguidor de uma variação própria do Cristianismo – numa suposta restauração da ordem romana. Seu vínculo com os romanos se deu tanto na condição de aliados quanto na de inimigos, conveniências nisso envolvidas. Isso até o ano de 410 d. C., quando, sob comando do líder Alarico I, eles saquearam Roma e, a partir daí, rumaram e fixaram-se, segundo comunicamos, na Hispânia. A vigência de seu reino foi entre os séculos V e VIII. De 711 a 718 d. C., deu-se a invasão muçulmana da Península Ibérica (também denominada *conquista árabe* ou *expansão muçulmana*), o que culminou na instalação do califado Omíada, o segundo dos quatro maiores sistemas monárquicos islâmicos que se formaram após a morte de Maomé. É tendo esses marcos em mente que podemos dizer que os reinos cristãos encabeçaram a reconquistar os territórios perdidos e a soberania exonerada entre os séculos XI e XIII.

La Reconquista [...] no representa sino el fenómeno más aparente – síntoma, factor y consecuencia, a la vez – de un conjunto de hechos que suponen la creación de los fundamentos de la sociedad española tal como ésta va caracterizarse, en algunos aspectos, hasta nuestros días. (GARCÍA DE CORTÁZAR, 1988, p. 151)

O primeiro reino cristão fundou-se nas Astúrias sob o comando de Afonso III, o Magno (866-910), e estendeu-se para a Galiza, os vales do Douro, do alto Ebro e regiões bascas ocidentais. Essa expansão nos serve como primeiro exemplo do desenvolvimento político e econômico que, a datar de então, vieram experimentando os reinos cristãos e foi, amiúde, por estes, alcançado pela chave bélica⁴. As guerras constantes acarretavam, a depender de seus desfechos, migrações a norte ou sul da Espanha. Com a intensificação das ofensivas cristãs com vistas à reconquista territorial a partir do século XI, competiu à população muçulmana o movimento migratório ao sul. A desertificação das regiões antes ocupadas pelos muçulmanos foi circunstância oportuna aos cristãos para seu propósito de repovoar, mas também visando ao crescimento demográfico e ao fortalecimento agrícola⁵.

Passemos à rápida ponderação das especificidades que sustentaram as relações em fronteira das civilizações cristã, muçulmana e judaica devido a seu compartilhamento (ora

⁴ Trata-se de uma naturalização da guerra (e seus discursos) contra povos não cristãos, não procedentes da tradição cristã: “A modernidade/colonialidade é um paradigma de guerra que se coloca como justo e que faz o contexto colonial sempre violento, uma situação que normaliza a violência [...]” (2018, p. 34)

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* (Organizadores: Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel), v. 2. Autêntica, pp. 27-53, 2018.

⁵ Para isto, foi inegável a contribuição dos árabes: os novos tipos de cultivo na lavoura por eles trazidos, como algodão, açúcar e arroz, bem como, em termos técnicos, o aproveitamento de cavalos e o incremento de ferramentas hidráulicas e mecânicas para serem utilizadas nos campos (VACA LORENZO, 2014).

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

marcado pela disputa, ora pela convivência mais pacífica e reciprocamente benéfica) do território hispânico na Idade Média. Na faixa a separar os reinos cristãos de *al-Andalus*, além dos judeus, encontravam-se os *mudéjares*, enquanto, na região muçulmana, havia também os judeus e os *moçárabes*. O bom relacionamento por muito tempo mantido entre mouros e judeus foi, aliás, motivo para a acusação de que os últimos teriam contribuído para a queda do antigo reino cristão visigodo em favor dos árabes.

A estruturação político-administrativa muçulmana deu-se em *taifas* (termo com o sentido de grupo ou partido, uma formação equivalente à de facções, que conservava o modelo do califado). Aragão adotou o regime do *pactismo*, a saber, organizado por pactos entre os senhores de terras e seus súditos, enquanto, em Castela, o sistema centralizado na monarquia buscou regularidade jurídica pautando-se nas *Siete Partidas* de Afonso X, constituição normativa inclinada para a aplicação do direito romano. No século XII, todos os reinos hispânicos contaram com a esfera consultiva das Cortes, as quais, por um lado, garantiam prerrogativas e privilégios do clero, da nobreza e dos procuradores das cidades, mas, por outro, restringiam os direitos dos camponeses, mesmo sendo eles indispensáveis à economia medieval, praticamente agrária. Nos reinos cristãos (em especial, Aragão), começou a surgir uma burguesia de negócios, categoria disposta entre nobres e plebeus.

À vista destas informações, podemos atestar que o feudalismo da Espanha ocorreu de maneira diferente se em comparação com o resto da Europa, haja vista sua orientação senhorial, sob o funcionamento de tributos impostos pelos senhores de terras e pela Igreja Católica. Cada vez mais, os territórios dos cristãos na Hispânia medieval eram ampliados, ao passo que os dos mouros iam diminuindo, o que acabou culminando, como já notamos, na hegemonia de uma Monarquia Católica no início da Idade Moderna, tendo nele sido um de seus mais poderosos impérios, tanto por isso a expressão “*el imperio donde nunca se pone el sol*”.

Usemos desses esclarecimentos em conjunto para fazer outro, sobre uma categoria muito cara à discussão proposta neste trabalho: a burguesia (e seu estatuto nestes séculos em volta da composição de *Lazarillo*). Nomeadamente na Espanha mais ao fim da Idade Média, aconteceu de seu desponte e sua configuração, conforme dizíamos, terem padecido de um esforço de sufocamento, sobretudo, sob dois vieses: político e religioso. Isso muito teve a ver, então, com a construção do Estado Católico absolutista e sua manutenção de um programa expansionista, de conquista e reconquista de territórios, como vimos. Para tanto, os investimentos dos reis católicos voltavam-se, principalmente, ao setor bélico, no qual se exercia vigoroso controle sobre os guerreiros. Representante literário significativo de todo esse panorama (em especial, do próprio fenômeno da reconquista) é *El Cantar del Mio Cid*, cantar de gesta (a saber, epopeia medieval) de autoria anônima que expressa valores guerreiros de Castela, cujo protagonista, aludindo ao real Rodrigo Díaz de Vivar, teve por lendário feito a recuperação de Valência do domínio dos mouros.

Mesmo neste sentido, sustentava-se ali um sistema praticamente senhorial. Muito da crise na Espanha, da miséria de sua população neste momento, tópicos trabalhados em obras como *La Celestina* de Rojas e mesmo *Lazarillo*, derivou deste impulso bélico. Pois percebamos que não existia exatamente ali – ou, caso queiramos, em primeiro plano – um interesse no

desenvolvimento de cidades, muito menos no de outros grupos sociais além dos já bem assentados. Junto a isto, houve o apelo e o afastamento consecutivos de homens jovens para as investidas de guerra, do que se seguiram bastantes mortes e uma população de mulheres, crianças e idosos (e que era, portanto, em maioria, incapacitada aos trabalhos de sobrevivência mais pesados, como nos campos, donde a parcimônia na produção). E, com isso, esse projeto de expansão e anexação pela guerra, esse ideário “messiânico” por trás dos ataques e da conversão dos rendidos, a desculpa de transporte e ampliação da fé cristã pelo mundo afora, tudo isso foi esculpindo, em arranjo e ao longo dos séculos, uma Espanha de pauperismo. Também daí a massiva população de mendigos (e) desocupados, mais um tema fulcral de que se ocupa nosso romance-objeto:

Pues estando yo en tal estado, pasando la vida que digo, quiso mi mala fortuna, que de perseguirme no era satisfecha, que en aquella trabajada y vergonzosa vivienda no durase. Y fue, como el año en esta tierra fuese estéril de pan, acordaron el Ayuntamiento que todos los pobres extranjeros se fuesen de la ciudad, con pregón que el que de allí adelante topasen fuese punido con azotes. Y así ejecutando la ley, desde a cuatro días que el pregón se dio, vi llevar una procesión de pobres azotando por las Cuatro Calles. Lo cual me puso tan gran espanto, que nunca osé desmandarme a demandar. (1992, p. 78)

Ainda com os Habsburgos, manteve-se a ideologia escorada na fé e de apoderação forçosa, precisamente onde reside uma das críticas de Cervantes em *Dom Quixote*, sobre quão anacrônico é o propósito da cavalaria e da conquista num mundo que já não é mais o medieval. Também exemplo de valor anacrônico e esvaziado é a espada do “*alguacil*” em *Lazarillo*, ao passo que a palavra escrita do protagonista se prova uma arma tanto de defesa e ataque. Para finalizar essas elucidações sobre o tolhimento da classe burguesa na Espanha, a conjuntura desse Catolicismo potente e asfixiante implantou o discurso de que o acúmulo de riquezas se associava com as dinâmicas islâmica e judaica. A hostilização desses povos, suas práticas, culturas (ainda mais enérgica com os judeus) *etc.*, contou com a atuação incisiva da Inquisição e sua política de perseguição aos infiéis.

Ou seja, muito embora a burguesia em si não tenha sido combatida nem suprimida e mesmo quisesse crescer ali, princípios sobre os quais ela se fundamenta o foram, donde os inúmeros conflitos e contradições que escoltam a incipiência que comentamos. Como exemplo da presença da ideologia burguesa neste terreno, frisamos a – improfícua, mas ainda assim – ideia de possibilidade de motilidade social, de melhoria, aspecto que orienta as várias vidas em jogo em *Lazarillo*, como vemos na fala do protagonista: “*Contemplaba yo muchas veces mi desastre; que, escapando de los amos ruines que había tenido y buscando mejoría, viniese a topar con quien no sólo no me mantuviese, mas a quien yo había de mantener.*” (1992, p. 76, grifo nosso). Lázaro, como haveremos de explorar mais adequadamente em seções adiante, epitoma então: i) a ânsia de matiz burguesa de içar-se em sociedade, alcançar padrões mais dignos – ou, se quisermos, menos indignos – de vida; mas também ii) o plano católico colossal e determinista de cristalizar a condição dos seres desde seu nascimento, frustrando expectativas e tentativas de ascensão, na lógica “nasceu pobre, morrer-se-á pobre”. Pois, obviamente, a bem-sucedida

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

promoção da classe média – a saber, entre os pobres e os ricos – alçaria questionamentos sobre o modelo católico de sociedade, os porquês de serem inabaláveis classes como a nobreza (e sua mesma lógica: “nasceu nobre, morrer-se-á nobre”), alçaria, além do mais, críticas sobre a condição tanto de quem está acima quanto abaixo, enfim, sobre a ordem em que se acomodam os seres no mundo, seus papéis, o código sob o qual devem agir e se portar. Além, claro, de incitar o desejo daqueles em nível inferior de subir. E, de fato, mesmo com dificuldade, ela alçou, como mostra nosso objeto de estudo, pois, como dissemos, fez transparecer a disposição social espanhola detrás das fachadas de aparência e falsidade. O que também serve para explicar o motivo de uma obra em anonimato e sua proscricção pela Inquisição.

3 “por que se tenga entera noticia de mi persona” ou sobre o contrato com a realidade

A *Lazarillo* também é atribuída, como bem pontua Ángel em sua apresentação à edição de 2012, “*la mayor revolución literaria desde la Grecia clásica*”, que é fazer-se uma “*novela realista*”, tanto por isso foi tida, quando lançada, como testemunho legítimo, dado seu respaldo na realidade imediata. O espaço da narrativa se compõe de locais reais: na região de Castela e Leão, a província e o município homônimos de Salamanca (que é atravessado pelo rio Tormes, dentro do qual alega o protagonista ter nascido), sua aldeia de Tejares; na província de Toledo: as cidades de Toledo, Almorox, Escalona, Torrijos e Maqueda.

Certos indicativos presentes na obra também possibilitam distinguir o tempo tanto da narrativa quanto de sua composição, como a menção de Lázaro à falta de pão quando com seu amo escudeiro em Toledo: “[...] *como el año en esta tierra fuese estéril de pan, acordaron el Ayuntamiento que todos los pobres extranjeros se fuesen de la ciudad, con pregón que el que de allí adelante topasen fuese punido con azotes.*” (1992, p. 78). Isto remonta a uma correspondência do Imperador Carlos V (que também surge indiretamente ao fim da obra, em seu sétimo tratado, com a referência da entrada de “*nuestro victorioso Emperador*” na “*ciudad de Toledo*”; sucedeu que, em realidade, ele entrou vitorioso em Toledo em 1525 por ter capturado Francisco I, então rei da França, na Batalha de Pavia e o aprisionado em Madri, assim como contido as agitações comunais) ao cardeal de Santa Cruz Francisco Quiñones datada do mês de fevereiro de 1529, em que disse: “*El trabajo que esa tierra pasa por falta de pan sentimos lo que se debe sentir.*” (VALDÉS, 1996 *apud* DURÁN, 2016, p. 28).

Entre outros sinais que conduzem à década de 1520, estão a alusão do escudeiro a um espadachim do rei Fernando II de Aragão (o Católico) ao falar de sua espada – “*Oh, si supieses, mozo, qué pieza es ésta! No hay marco de oro en el mundo por que yo la diese. Mas así, ninguna de cuantas Antonio hizo no acertó a ponelle los aceros tan prestos como ésta los tiene.*” – e a aquisição de Lázaro de um hábito digno de “*hombre de bien*” e uma “*espada de las viejas primeras de Cuéllar*” (1992, p. 70; 100), tendo um espadachim chamado Pedro de Cuéllar sido,

⁶ Para evitar possíveis imbróglis, reparemos que, em termos de teoria e gêneros literários, o termo “*novela*” em espanhol equivale ao que entendemos como romance.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

de fato, registrado em documento em Toledo em 1529 (RICO, 2000; GÓMEZ-MENOR, 1978; DURÁN, 2016). E, por falar em tal rei, devemos expor que, além do fim da obra, também sua abertura, quando Lázaro toca no degredo e na morte de seu pai⁷ numa expedição militar contra os mouros, remete à ocorrência histórica da *Jornada* e do *Desastre de los Gelves*. Nesta ocasião, a acometida para tomada da ilha de Yerba, durante a coroa de Fernando II (*el Católico*), culminou na perda de muito do corpo militar espanhol sob Don García de Toledo devido a intempéries encontradas como sede, extremo calor, tempestades severas e afogamentos nas tentativas de evacuação. Assim, contribui para esta insígnia que recebe *Lazarillo* de pioneirismo no empreendimento realista sua demarcação espaço-temporal (noutros termos, ambientação histórico-contextual), a mais precisa das obras literárias quinhentistas (DURÁN, 2016).

4 “*Pues sepa Vuestra Merced*” ou sobre o advento da missiva ficcional

Mantendo à vista o debate sobre autoria que logo iniciaremos, a ideia circulada no momento original da obra era a de ser Lázaro a comunicar sua vida. Consistindo nisso a novidade literária, não aconteceu (tampouco faria sentido para a inovadora proposta de verossimilhança) de a obra ter sido assinada/reivindicada por outrem. Aproveitando que falamos em inovação, sua primeira pessoa permite o acesso ao relato de experiência (claro, ficcional) do protagonista, feito drasticamente destoante do gênero em voga na era saindo do medieval (especialmente, a primeira metade do século XVI na Espanha): a novela de cavalaria. Embora esta e *Lazarillo* compartilhem do motivo da honra, não só o tratamento como também o ponto de vista a ele ofertados divergem: *grosso modo*, enquanto a novela de cavalaria trabalha de modo onisciente e numa estrutura seriada os imutáveis e célebres feitos de invencíveis homens em errância (como *Amadís de Gaula*), o outro é a expressão da existência do homem por ele próprio em meio ao que lhe ocorreu (GONZÁLEZ, 1992). A originalidade de *Lazarillo* reside em que o relato de natureza autobiográfica, epistolar e confessional – formalizado pelo seguinte esquema: indivíduo contando de si mesmo para outro por requisição – não é senão ficção. Devemos também levar em conta que essa obra veio no período em que estavam em seu ápice a publicação e a coleção de cartas (RICO, 2000), gênero este de cunho interlocucional que, porque amiúde associado com o domínio prático-pragmático e, portanto, muito escorado na ideia de verdade, reclama a instituição do leitor, pedindo ou ofertando respostas.

Evidências textuais em *Lazarillo* nos levam a deduzir que se trata de uma epístola fictícia que veio como resposta à solicitação de prestação de contas por parte de alguém socialmente respeitado, dada a formalidade da expressão “*Vuestra Merced*”, a quem ele se dirige, segundo vemos no excerto em que o protagonista revela para que “*se le escriba y relate*

⁷ Inclusive, a invocação da imagem de um soldado no “Prólogo”, imediatamente anterior à menção ao pai de Lázaro, Tomé Gonzáles, no “Tratado Primero”, como que pode conduzir à ideia de um suposto heroísmo deste na batalha de *los Gelves*, em que, de acordo com o depoimento do protagonista, se sacrificou pela causa do cristianismo espanhol, causa esta a refletir o esforço da Espanha sob a Inquisição de violentamente eliminar minorias religiosas. (MAIORINO, 2003, p. 123)

el caso muy por extenso” (1992, p. 30). Ou seja, é acrescentada à exposição desse “caso” sobre o qual foi convocado a escrever a “noticia”, segundo ele, de sua “persona”, o que decide empreender “no [...] por el medio, sino del principio” (1992, p. 30). Assim, a proposta de retomada de suas origens no relato a ser feito tem em vista uma justificativa de sua ligação com o caso, a partir do que ocorre uma cisão entre ele mesmo na condição de narrador e sua própria pessoa como objeto de narração. No entanto, não é por Lázaro (tampouco por nós) conhecida a identidade do indivíduo mais interessado na declaração, dada a apresentação que a este é feita: “Pues sepa Vuestra Merced, ante todas cosas, que a mí llaman Lázaro de Tormes” (1992, p. 30). Uma conjunção geradora de estranhamento, se levada em conta a preocupação de um completo desconhecido com a vida alheia.

No tratado sétimo, Durán (2016) afirma, com base no trecho “*porque ella está delante*” e em seu uso do pronome feminino, que *Vuestra Merced* é uma mulher, e isso também nos ajuda a melhor interpretar a relação mantida por ela com o arcebispo de San Salvador, com quem se firmou o diálogo até então informado por Lázaro. A recorrência do termo “caso” nesse tratado, também considerando o contexto do referido diálogo (isto é, a defesa de que se ocupa Lázaro da “bondad” de sua esposa), nos permite a inferência de que a grande pergunta a ser respondida pelo relato do protagonista é se ela era manceba de tal arcebispo (DURÁN, 2016), até pelo fato de o casamento ter ocorrido por súplica desta última personagem. “*La declaración de Lázaro será [...] la causa y el origen mismo de la narración de una vida infame y turbia, salpicada de hechos delictivos e incluso heréticos para la época.*” (RUBIO, 2011, p. 228). Mas permanece a incógnita do porquê de esse questionamento ter sido feito por *Vuestra Merced*, o que podemos esclarecer pelo trecho em que Lázaro pondera o arcebispo como “*servidor y amigo de Vuestra Merced*”, e, com isso, se faz plausível seu papel de *padre confessor*. Não nos esqueçamos de que o arcebispo é detentor de vinhos, motivo também da relação com o pregoeiro Lázaro, e de que *in vino veritas*. Ou seja, na ebriedade (a saber, na conjectura de relacionamento íntimo e liberdade entre o arcebispo e a esposa de Lázaro), poderiam tornar-se conhecidos e ser propagados juízos desfavoráveis a terceiros (à manutenção das aparências, de sua “boa imagem”), entre os quais, *Vuestra Merced*. Uma hipótese igualmente possível é a de que *Vuestra Merced* estivesse investigando até que ponto chegou a ciência de Lázaro sobre suas façanhas presumivelmente imorais. Isso nos incita a pensar também quão facilmente acessados podem ser os segredos exteriorizados em rituais religiosos, haja vista a fala de Lázaro sobre o que ouve quando em ofício (que, por sinal, é público): “*armas milanesas, broqueles barceloneses, putas toledanas*” (DURÁN, 2016, p. 18); e sendo sua mulher de Toledo.

Resgatemos, aqui, a constatação do padrão (e de sua importância) de manutenção das aparências na sociedade hispano-cristã do século em questão: prescindida a essência, eram suficientes a criação e a sustentação da imagem de um *hombre* ou uma *mujer de bien* (como vislumbramos nos casos do escudeiro, do arcebispo e mesmo da esposa, os dois últimos, para tanto, escorando-se no testemunho ético-social de Lázaro para não cair por terra), ainda que se agisse de modo a contradizê-la. Ou seja: a apreciação e a sentença sociais de um indivíduo se davam levando em conta o que se falava sobre ele e, não, o que ele, em verdade, era. Logo, o mundo das aparências (em última instância, uma noção altamente idealizada de boa fama)

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

constitui uma esfera verbal dentro da qual condutas e comportamentos são intencionalmente efetivados em analogia com o emprego linguístico autoconsciente:

Appearances are, then, the product of skillful persons that seek to increase their social value. In this sense, appearances show the degree of sovereignty and the extent of the person's intellectual wealth. They are cultural signs of the level of confrontation, and their ambiguity infuses a high degree of suspicion and insecurity in all the actors, transforming social transactions in micro-battles where the whole person is at stake. (SÁNCHEZ, 2003, p. 13)

Com isto, temos que Lázaro verte o que seria a descrição de um caso particular e suas propriedades gerais (enveredando por tópicos como adultério, impropriedade sexual, econômica, simonia *etc.*) numa *questão sobre si mesmo*: ele, no fim das contas, é a “*cosa tan señalada*” digna de conhecimento. O aspecto de marginalidade neste *relato-de-si* está em que ao pobre é tão somente esta façanha que resta, isto é, alguém que, pela faculdade de privação que marca e conforma sua vida, não cabe senão reivindicar a própria história.

Os textos picarescos usam dessa focalização na “*persona*”, suas decisões e trocas (econômicas ou de valor simbólico) desenroladas no âmbito individual, para justamente desnudar essa dimensão de pobreza, de modo a operar, segundo Rodríguez (1994), como matriz ideológica de um ideário burguês. Isso porque, para este pensador, a personagem literária do pobre – que denota uma entidade autoconstituída – vai de encontro à convicção substancialista feudal segundo a qual só existe um “eu” (se) dentro, por exemplo, de uma sucessão, uma linhagem, uma casa, um laço de sangue, esferas das quais ela, por razões óbvias, jamais participaria. Logo, a figura do indigente coube perfeitamente ao propósito da classe burguesa ascendente de fazer escrita e publicação de uma vida privada, o que coincide, historicamente falando, com o fato de o tipo de narração em questão ter surgido na época dessa ascensão mesma, em que, como dissemos, a vida, para figuras como essa, passa a ser jurisdição e objeto de um “eu” secularizado. No caso de *Lazarillo*, a introdução e a exploração de si na escrita também se vale do campo cultural como o qual o Cristão se apresenta para, assim, debater a própria instituição da Igreja. É este o verdadeiro terreno intelectual em que se desenvolve esse “diálogo literário” do protagonista voltado ao (e de caráter) público em tentativa de autoafirmação e expectativa de reconhecimento.

Sin vida propia no hay narración picaresca, pero sin narración picaresca no hay vida propia. La vida sólo se produce, sólo existe, en el relato. La literatura y la vida comienzan a “vivirse juntas” precisamente a traves de una vida que nunca había tenido vida: la vida de un pobre, el mayor de los pobres, el que ha aprendido a vivir a ciegas. (RODRÍGUEZ, 1994, p. 194)

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

5 “a mí llaman Lázaro de Tormes” ou sobre os feitos de um marginal no Siglo de Oro

“El Lazarillo es la primera novela moderna porque es el primer texto literário que muestra, tanto en su forma como en su contenido anecdótico, la presencia en la vida humana de las fuerzas que el modo de producción capitalista conjura.”

— JOHN BEVERLEY

O feito de contar uma vida própria só foi possível no momento em que a vida se transformou num objeto em si. Esse novo discurso nasce de uma mudança no paradigma econômico da sociedade espanhola (em particular, da castelhana). Assertaremos que essa mudança se refere à eclosão de uma sociedade civil, de cidadãos enredados em questões e necessidades individuais, o que teve aplicação e revérbero na esfera do intelecto. Lázaro porta sua própria voz e a imprime em sua narrativa sobre si mesmo em função da radical singularidade que compreende sua “*persona*”. À vista dessas considerações, passemos ao exame de como a ficção picaresca urde a dimensão econômica e como nela trafegam os atores sociais, ainda replicantes de variáveis de fórmulas culturais senhoriais. A operação visada fundamenta-se metodologicamente também no estruturalismo genético de Lucien Goldmann, segundo o qual a organização de uma composição literária é cognitivamente análoga ou está numa relação manifesta à de complexos sociais específicos:

Le caractère social de l'œuvre réside surtout en ce qu'un individu ne saurait jamais établir par lui-même une structure mentale cohérente correspondant à ce qu'on appelle une «vision du monde». Une telle structure ne saurait être élaborée que par un groupe, l'individu pouvant seulement la pousser à un degré de cohérence très élevée et la transposer sur le plan de la création imaginaire, de la pensée conceptuelle, etc. (GOLDMANN, 1965, p. 42)

Assumido o compromisso intelectual humanista de *contar a vida* nas classes mais baixas, o autor de *Lazarillo*, ao tratar da realidade cotidiana de seu protagonista, incorpora também as daqueles ao seu redor. Pelo fato de consistir, então, numa articulação episódica sequencial de muitas vidas e vários fatos, dimensões como religião, condição econômica e propriedade sexual são sempre dispostas em circunstâncias e (com) sentidos específicos. Rico entende essa gama de significados da obra, bem como sua *ambiguidade* e sua *ironia*, enquanto corolários de um ceticismo mais amplo: “*El relativismo, en la axiología como en la epistemología, es también un humanismo. ‘No hay valores: hay vidas, individuo’, parecían enseñarnos las fortunas y adversidades de Lázaro.*” (2000, p. 55). Já para Cruz (1999), não obstante essa ambiguidade

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

(nem da obra, nem da atitude de seu autor) ou a dissimilação do pícaro em seu discurso, a narrativa põe à vista as tensões entre os valores religiosos e seculares, a divergência ideológica sobre os pobres e os métodos de amparo a eles, prova disso sendo a frequência da questão da pobreza nos escritos da época.

Alguns favoreciam uma abordagem feudal (*positiva* porque *ideal*) dela, para tanto, calcando-se na filosofia de São Tomás de Aquino, cujos princípios tinham a livre renúncia às riquezas disponíveis (e a doação delas) como verdadeiro caminho para a contemplação de Deus, a liberdade completa e a soberania da mente no amor (SCHELER & STARK, 1964). A definição tomista de “pessoa” é de um indivíduo humano dotado por Deus de razão, livre-arbítrio e autodeterminação. Valores dos quais, postos dessa forma, se afasta *Lazarillo*, já que “*persona*” discrimina ali seres humanos em vez de entidades no sentido teológico, além de que a autodeterminação do protagonista não se equipara a um diálogo superior com a essência divina segundo aventado pelo tomismo, mas a uma vontade de se transformar e livrar de certas condições, razão pela qual lemos a proposta de Sánchez de que sua *pessoa* possui valor mais elevado do que o dos membros da nobreza, como o clérigo de Maqueda, o frade mercedário, o buleiro e o arcepreste de San Salvador: “*the affirmation of Lázaro’s own person was directed at comparing favorably his life against the life of a nobleman* (2003, p. 98)”. Até por isso, notemos, a ausência de seus nomes⁸.

Já outros escritos sustentavam reformas na Igreja, enquanto havia ainda aqueles mais inclinados a uma (re)solução secular para o marginal. De qualquer forma, para estes últimos casos, as chaves da pobreza e do pobre não significavam uma ordenação divina nem uma intuição organicista, tampouco uma instância vital do mundo. Na contramão disso, afirma Maravall (1986b), elas constituíam um modo negativo e mais autônomo de caracterização social, na medida de seu entendimento enquanto ameaças imediatas a um suposto bom funcionamento, um imaculado arranjo dos reinos.

O novo interesse na categoria do indivíduo desdobrou de uma tentativa de recobrar um ideário de virtude cristã em sintonia com o programa social de reformadores e autores não filiados às estruturas e à cultura senhoriais. Com isso, ela integrou um espaço literário sem precedentes, de leituras do particular, do espaço privado. Nessa perspectiva, passou a ser nele pensada e operar como ferramenta para reflexão sobre os caminhos intelectuais tomados no que Sánchez (2003), apoiado em economistas e juristas, denomina *república*, a saber, uma conceitualização relativa aos primórdios de uma sociedade civil, de trocas econômicas. Isso tudo na diligência de edificar uma comunidade – domínio em que jaz a fonte do poder político-social, para Francisco Suárez, teólogo expoente do movimento intelectual “Escola de Salamanca” ou “Segunda Escolástica” nos séculos XVI e XVII – de homens instruídos,

⁸ “*These Church’s workers are responsible for Lázaro’s experiences and ideas in so far as they represent vicious behavior with multiple consequences in the moral and social teaching of the Christians. These people are close to lower classes and are supposed to transmit the Christian doctrine to those people. Lázaro constructs the story of his person through several episodes having in common – most of them at least – the description of a moral defect in the conduct of Christians.*” (SÁNCHEZ, 2003, p. 80)

plenamente habilitados a questionar, por exemplo, os valores da espiritualidade hipócrita da aristocracia.

É neste contexto que a validação social do “eu” designa um esforço agonístico, ao qual *Lazarillo* faz eco. Devemos lembrar que a referência medieval de homem e mundo social de que se está (in)tentando desvencilhar é a seguinte:

Cada hombre nace en una determinada situación social y su papel consiste en vivir de acuerdo con ella; de este modo no sólo contribuirá al bien común, sino que salvará su alma y llegará al Reino de los Cielos, no menos jerarquizado que el de este mundo. La insatisfacción social, la rebeldía contra los poderes establecidos, suponen incurrir en la ira de los señores, del rey y de Dios mismo; [...] La concepción filosófica de este universo supone una idea de totalidad y comunidad organicistas, en que los individuos, insertos inapelablemente en su clase o estamento, forman parte de un todo al que han de supeditar sus actos. [...] es característico del arte organicista feudal la ausencia de expresión de lo individual. (AGUINAGA, PUÉRTOLAS, ZAVALA, 2000, pp. 53-54, grifo dos autores e nosso)

A isso, quer dizer, a essa impraticabilidade/dispensabilidade construída de mobilidade social, adicionou-se o não discernimento das classes feudais entre uma projeção pública e sua identidade como classe, o que contribuía para que seus valores se confundissem com os de uma realidade “substancial” (RODRÍGUEZ, 1994). Esta mesma linha de raciocínio nos ajuda a entender o motivo de um nobre não tornar pública sua privacidade: não existe identidade além de sua definição pública, não se pode ser (nem há o que se ser) além da linhagem e do sangue.

Em termos gerais, este sistema de crenças e outras esferas nele implicadas, essas formas de se proceder caem nos territórios europeus, mas não de maneira simultânea nem homogênea, nos séculos XII e XIII. (O que, como já observado anteriormente, levou mais tempo para acontecer na Espanha.) Concorrendo para tanto, temos o surgimento de novas formas de produção e distribuição, a fortificação comercial e, assim, do liame mercadoria-dinheiro (isto é, o estabelecimento de uma economia monetária pré-capitalista) e o conflito ainda mais acirrado entre as classes mais altas por controle, poder, garantia cada qual de seus privilégios *etc.* (AGUINAGA, PUÉRTOLAS, ZAVALA, 2000). Neste horizonte de reconfigurações, foi elemento determinante para que o “yo” ganhasse voz, força e espaço o reconhecimento da burguesia de sua própria identidade enquanto ordem estruturada na esfera do privado:

Sólo para los Lázaros (para las clases inferiores en general) se abría, pues, la posibilidad de entregar su vida “privada” al pasto y al juicio del público. O más estrictamente: sólo para el nombre de un pobre – sólo bajo el nombre de un pobre – podía mostrarse públicamente a sí misma, mostrar su auténtico objeto (y raíz) ideológico: el “yo”, el alma privada. (RODRÍGUEZ, 1994, p. 116)

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

O princípio sobre o qual a burguesia se fundamenta é o do contrato, compromisso assumido livremente entre partes e calcado numa promessa a resultar em ganho ou perda. Este estágio só pôde ter vez quando, por ensejo histórico maior, foram repensadas noções tangentes a uma política internacional gradativamente mais ampla, tais como dominação, a partir de uma transformação da velha concepção de direito natural. Um exemplo voltado para a Espanha é a dominação dos índios e a tentativa de legitimação disso, que remonta às aspirações fantasiosas dos Habsburgos de possuir prerrogativas sobre as “novas terras” com alicerce em direitos históricos. Isto pois não há nada no direito natural a assegurar arranjos concretos visando ao poder, daí de questões como essa incidirem sobre o direito positivo, isto é, os desdobramentos históricos de formas políticas (SÁNCHEZ, 2003). E, por não existir, então, uma forma política “em essência”, processos de subjugação podem ser arquitetados e validados em articulação com fatores históricos e segundo necessidades de determinada sociedade: “[...] *by the nature of things, men as individuals possess to a partial extent (so to speak) the faculty for establishing, or creating, a perfect community*”, e “*the power in question does come to exist in this community as a whole*”, muito embora não seja necessariamente exercido por todos (SUÁREZ, 1944, p. 383).

A sociedade civil é, então, aquela em que há um espaço de liberdade para além de uma dominação absoluta ou considerada “essencial”. Noutras palavras, é aquela em que o poder de uma autoridade na relação com seus subordinados está submetido ao princípio do contrato, aquela em que instâncias das menores às maiores, como indivíduo e nações, agem sob os termos da vontade e interesses racionalizados, delegando ao direito os limites dos danos uns aos outros (SÁNCHEZ, 2003). Com essa sedimentação da esfera privada e de um poder político de natureza contratual, irromperam outras conformações sociais e econômicas menos sujeitas aos princípios senhoriais, de modo a desobrigar os indivíduos de suas formas tradicionais de dependência e dos valores associados a elas, donde uma ênfase no crescimento particular. O que, evidentemente, foi incrementado pela já citada movimentação geográfica, em que também se verificou intenso fluxo de riquezas.

A colonização da América propulsionou a constituição embrionária de um capital mercantil, dados os fundos obtidos do investimento na extração e da comercialização de ouro e prata e alocados nos bancos e nos tesouros nacionais espanhóis. O projeto desses movimentos colonizatórios teve por fito, além de levar a fé cristã para o ímpio, também a modernidade para o inculto. Sabemos da indissociabilidade dos conceitos de Modernidade e Colonialidade, sabemos quão arraigado é o pensamento de que a Europa foi responsável por transportar às Américas o primeiro por meio do segundo. Estudos decoloniais – e vale a pena, mesmo que celeremente, tocar neste assunto, tendo por base contributos de Aníbal Quijano, Ramón Grosfoguel, Catherine Walsh, Luciana Ballestrin e outros estudiosos –, por outro lado, entendem que foram as Américas que deram Modernidade à Europa, pelo fato de que não haveria seu desenvolvimento, conforme vemos pela história da Espanha, sem a exploração da natureza, o controle dos recursos, a exploração múltipla dos corpos, sujeições forçadas ao trabalho *etc.* Daí de a Modernidade ser tida, então, uma produção da Colonialidade. Por este ângulo, podemos cogitar também que a “expansão” espanhola, nos vários sentidos da palavra, foi executável porque em detrimento de seres como Lázaro, de sua dignidade humana, de seu bem-estar, foi

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

factível por relegar corpos seus à própria marginalidade, sem instância ou entidade sequer para disso diretamente tratar, em que se amparar: “[...] *vine a tanta flaqueza, que no me podía tener en las piernas de pura hambre. Vime claramente ir a la sepultura, si Dios y mi saber no me remediaran.*” (1992, p. 50).

Não olvidemos que o avanço da burguesia na Espanha aconteceu sob ar rarefeito, vide o histórico e o cenário que já expusemos outrora e considerando que o foco da política e dos investimentos era na chave bélico-expansionista. E é propriamente pelo fato de os meios de produção terem se desenvolvido tardia e parcamente é que se precisou amiúde angariar (mesmo para financiar as guerras, as dinâmicas de agressão e dominação *etc.*) recursos dessas fontes outras, como as colônias americanas, tendo a “necessidade-de-se-suprir-pelo-externo” também alimentado o que veio a ser um quadro de dívidas exteriores, tópico que infelizmente não adentraremos mais profundamente. Ainda, a organização dos reinos, seus métodos e procedimentos (de ataque e defesa, por exemplo) para seguir com esse programa imperialista, tudo isso impulsionou, tanto na mão como na contramão dele, a esfera intelectual em busca de alternativas e inovações em setores variados.

Encadeemos os argumentos apresentados até o momento para prosseguirmos com a análise de nosso objeto. Dadas as novas condições deste contexto em que se conjugaram o relativismo religioso e a autoafirmação individual, também a esfera da erudição⁹ (além do moral e do político) veio a se ocupar desta composição de sociedade baseada em ricos e pobres, isto é, considerando a posse de riquezas e dinheiro. A literatura e outros escritos da época incorporaram e foram capazes de responder criativamente aos anseios públicos para com o pobre e a pobreza, sentidos enquanto problemas econômicos em si mesmos, na medida em que turbulências a um funcionamento disciplinado de uma sociedade civil emergente e, em escala maior, do próprio mundo. Em se tratando do âmbito do ficcional, a abordagem usualmente conferida, além de trazer o procedimento de resposta coletiva a eles, dá enfoque ao subjetivo, em como a conduta individual pode ser influenciada pela alçada econômica. *Lazarillo* é justamente exemplo dos esforços inaugurais de aproximar as categorias da literatura e da realidade, como expusemos ao tratar dos gêneros, o que se deu especialmente em relação ao tempo histórico, donde seu cunho de “primeiro romance realista”, aquele que é “*la exploración de la realidad cotidiana bajo la especie de ficción*” (RICO, 2000, p. 166). Para Sánchez (2003), o fato mesmo de o engano ser processo e tema em ficção fomentou um diálogo muito mais complexo entre o “eu”, a mente e o mundo.

Há revolução ficcional em *Lazarillo* também por este aferir o ser humano por seu grau de comprometimento com seu crescimento a partir da busca de um “*bien*” e segundo a capacidade de discriminar falhas e deficiências tangentes à interação social. A obra nos mostra como as metamorfoses decorridas na e, amiúde, causadas pela esfera econômica abalam a

⁹ Ainda nos cabe ressaltar quão importantes foram, neste sentido, as dissensões intelectuais que o Império experimentou em teólogos espanhóis, entre eles, o já citado Suárez e Francisco de Vitoria: “*The neo-Thomist theologians and civil lawyers (though not, unsurprisingly, the canonists) who worked at Salamanca in the sixteenth century – the so-called ‘School of Salamanca’ – rejected the authority of the Bulls [...]. The Pope was, they recognized, the spiritual ruler of all Christians. But he could exercise no dominium in the secular world, nor had he authority of any kind over non-Christians.*” (PAGDEN, 1995, p. 47).

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

interpretação de valores pessoais e sociais, trazendo consequências também ao campo dos sentimentos e das expectativas. A unicidade e a autoafirmação de Lázaro são exemplos disso, uma vez que são produtos i) de um relativismo epistemológico e moral, de um lado, e, de outro, ii) de uma percepção econômica proveniente e alimentada pela interação entre homens. Essa percepção processa-se devido a uma alteração na ideia (ou na esperança) de mobilidade social, não mais condizendo com o complexo tradicional de valores e hierarquias, entre eles, hereditariedade e herança. Não fosse assim, personagens como o escudeiro, ávido defensor de sua honra e sua índole grandiosa, jamais se achariam em estado de desterro, despossessão, indignância.

[...] no soy tan pobre que no tengo en mi tierra un solar de casas que, a estar ellas en pie y bien labradas, dieciséis leguas de donde nací, en aquella Costanilla de Valladolid, valdrían más de docientas veces mil maravedís, según se podrían hacer grandes y buenas. Y tengo un palomar que, a no estar derribado como está, daría cada año más de docientos palominos. Y otras cosas que me callo, que dejé por lo que tocaba a mi honra. Y vine a esta ciudad pensando que hallaría un buen asiento; mas no me ha sucedido como pensé. (1992, pp. 82-84)

Sua *aparência* pomposa faz com que Lázaro pense ter encontrado um desfecho para seu problema com a fome, mas a situação chega ao extremo de o menino, como já vimos, que não tinha sequer para si, ter de sustentar o próprio amo. Quando mais velho, o protagonista se torna a caricatura do escudeiro, na medida em que se reputa “*hombre de bien*” por seus trajes mais sofisticados e pela espada na cintura. A caricatura está, então, no fato de que, apesar de parecer nobre, como o escudeiro, não houve ocorrência alguma que o tivesse feito abandonar ou tivesse revertido seu status de pobreza. Lázaro manifesta-se como o próprio escudeiro, tentando arrimar sua dignidade, sua reputação, exclusivamente a partir do quesito de sua *aparência*, já que de resto não havia nada:

Fueme tan bien en el oficio, que al cabo de cuatro años que lo usé, con poner en la ganancia buen recaudo, ahorré para me vestir muy honradamente de la ropa vieja, de la cual compré un jubón de fustán viejo y un sayo raído de manga tranzada y puerta y una capa que había sido frisada, y una espada de las viejas primeras de Cuéllar. Desque me vi en hábito de hombre de bien, dije a mi amo se tomase su asno, que no quería más seguir aquel oficio. (1992, p. 100)

Outra incoerência desse choque entre regimes espelhado por *Lazarillo* está pontualmente nesta passagem, pois, com a montagem da *aparência* ‘de bem’, vem a negação ao trabalho, até pelo fato de este não ser associado com a nobreza e, sim, com os mouros e os judeus, assim sendo, é considerado indigno. Lembremos de que, nos reinos feudais, as cortes eram sustentadas pela plebe; mesmo a caça, que poderia se supor para alimentação, era feita só por entretenimento. Incongruente é também a inaptidão de Lázaro de perceber-se, então, integrante do mesmo cosmos cujas insuficiências e degradações acusava, fazendo-se até adeso

a cláusulas que, por toda a vida, constatou e sentiu na pele como defeituosas, falsas. Ele toma o escudeiro por modelo porque este *parece* e *age* (e tão somente isso) como um nobre, desconsiderando o histórico dentro do qual ficou claro que, dentre todos os amos, foi aquele em piores condições:

Con todo, le quería bien, con ver que no tenía ni podía más, y antes le había lástima que enemistad. Y muchas veces, por llevar a la posada con que él lo pasase, yo lo pasaba mal. Porque una mañana, levantándose el triste en camisa, subió a lo alto de la casa a hacer sus menesteres, y en tanto yo, por salir de sospecha, desenvolví el jubón y las calzas, que a la cabecera dejó, y hallé una bolsilla de terciopelo raso, hecho cien dobleces y sin maldita la blanca ni señal que la hobiese tenido mucho tiempo. “Éste – decía yo – es pobre, y nadie da lo que no tiene; mas el avariento ciego y el malaventurado mezquino clérigo, que, con dárselo Dios a ambos, al uno de mano besada y al otro de lengua suelta, me mataban de hambre, aquéllos es justo desamar, y aquéste de haber mancilla”. (1992, p. 76)

Ele se devota à manutenção e à perpetuação de um Império que o entregava para a morte. Ele faz vista grossa para o fato de que o arcipreste, que o defende e é defendido por ele, é tão moralmente indefensável quanto os outros eclesiásticos cujas façanhas desaprovava (GONZÁLEZ, 1992). Disso, tiramos também que, apesar de a propriedade ser distintivo do indivíduo nas raias da ideologia burguesa, os bens materiais de Lázaro não conferem exatamente com uma escalada econômico-social. O que deixa notório para nós, conforme discutíamos, que ela, menos realidade do que ilusão, se enclausura ao plano linguístico-gestual, um empenho (beirando a acomodação) de autenticidade. E é neste sentido que se desenrola também a crise na Espanha estipulada previamente:

[...] caused by uncontrollable aspirations prompted by historical growth and by empowering of the individual; and these aspirations provoke a deterioration of the established system, inasmuch as this system has been viewed as impotent before the forces of change which are consolidated against it. (MARAVALL, 1986b, p. 20)

Isto pois, na narrativa, a necessidade econômica, mais do que só o enquadramento em que as vidas se passam, é constitutiva do caráter, é condicionante da própria ficção: *“Huelgo de contar a Vuestra Merced estas niñerías, para mostrar cuánta virtud sea saber los hombres subir siendo bajos, y dejarse bajar siendo altos cuánto vicio.”* (1992, p. 36). Ou seja, o protagonista conta toda sua vida para justificar o que fez/“precisou fazer” com base naquilo (de suposta dignidade, respeitabilidade) que se tornou. Afora o próprio fato de que ele se coloca como autoridade narrativa, sob o crivo de quem a história é contada, reproduzindo *“[...] los valores, toda la lógica de la nueva ideología animista burguesa que es la que a la vez ‘produce’ [...] el texto mismo: no sólo su ‘yo’ explícito sino toda la temática de lo ‘privado’ en general, tal y como subyace determinando la estructura del texto.”* (RODRÍGUEZ, 1994, p. 129). Assim também se dissolve a dependência feudal, ainda mais por personagens como Lázaro se localizarem na desordem do

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

mundo, de modo a ecoar uma percepção imanente que rompe com reivindicações de solução ou pretextos transcendentais sobre essa desordem.

[...] *el animismo “ve” el espacio público como algo efectivamente dominado por el “honor” – por los valores nobiliários – y por eso se retira a lo privado. Para el organicismo, en cambio – que no “ve” el espacio público –, el hecho de que sus valores reinen en ese espacio sólo implica que reinan en el “Mundo”.* (RODRÍGUEZ, 1994, p. 155)

Em sendo assim, a *Lazarillo* cabe o rótulo de primeiro texto literário de relato da vida de uma pessoa na defesa e na afirmação de seu valor no mundo, em contraposição a qualquer status aristocrático. Contá-la do início abre margem para o debate da pobreza, questão envolvendo diretamente a Igreja. Passada sua primeira infância de escassez rural e instabilidade urbana, uma vez tendo sua mãe o entregado, exatamente por isso, ao cego, a fome tornou-se imperativo em sua vida. A miséria, experimentada devido à hipocrisia fosse de membros do clero, fosse de outros civis, é a circunstância-chave que o compeliu à obtenção de conhecimento prático, mirando a alcançar *“prosperidad y [...] la cumbre de toda buena fortuna”* (1992, p. 104). O retrato das várias faces dessa pobreza, revelando a passagem – a propósito, muito irônica – de um estágio de obscuridade para outro de clara e sórdida acomodação, transigência para com a falta e a infração da norma, nos permitiu averiguar e explicar as condições da marginalidade que norteou não somente a obra, mas a Espanha do “Século de Ouro” no início do mundo capitalista. Encerrarmos, então, com a assertiva de que *Lazarillo* conduz, do campo literário, uma transformação respeitante ao entendimento de “pessoa”, extrínseca à circunscrição da Igreja porque edificada a partir do valor de sua própria vida, de seu valor por si. A autoconstituição (a pessoa privada) de Lázaro na obra, de raiz burguesa dada sua essência econômica, teve por maior desígnio superar, enfim, as sentenças da pobreza e da marginalidade que imperaram em sua vida.

Considerações finais

Um dos nossos grandes esforços neste estudo foi o de argumentar como *Lazarillo* representou as tensões oriundas da transição multiversada (sobretudo, histórica, religiosa, social, política e economicamente falando) de um espaço institucionalmente regido pela Igreja Católica para a perspectiva secular orientada por princípios burgueses. O romance reverbera a doutrina cristã porque consiste na história de um pobre lidando com seu estado de miséria enquanto seu horizonte diário; mas também o faz com a ideologia burguesa, já que essa história é contada por ele mesmo, o que denota a voz individual sobre um espaço privado, afora que sua pobreza serve de motivação para subir socialmente. O protagonista assume tão singular e radicalmente sua vida (em contraste com o uno e forte corpo social feudo-senhorial-católico,

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

que não fazia distinção de seus constituintes nem manifestação pública de cada um deles especificadamente) que se atreve a relatá-la em aberto.

A noção de prestígio em *Lazarillo* rompe com a concepção aristocrática de *honra* ao passo que combina os argumentos burgueses de autoaperfeiçoamento e mérito. A ideia é a de que, por se tratar de uma história de sobrevivência social sem antecedentes, é digna, no mínimo, de reconhecimento pelos pares e pela posteridade. E a atmosfera em que Lázaro obtém e afirma seu valor é a de tratos (econômicos e morais, por exemplo) e convenções em que se engaja na intenção de satisfazer aos próprios interesses. Prova genuína dessa mudança está em que *Lazarillo* convertendo esses elementos todos em um novo gênero de sucesso, *o romance picaresco*.

La estimación positiva de la pretensión de elevarse, de subir a más, de medrar, por parte de aquel que se ve estamentalmente reducido a un bajo nivel, empieza a difundirse y a representar [...] una de las más serias alteraciones de la moral social – y no menos de la moral del individuo – en los siglos modernos. (MARAVALL, 1986a, p. 358)

Isso numa época em que a Espanha já tinha se tornado um Império, do qual foram recebidas e refletidas pela literatura picaresca essas contradições conexas a mudanças (um exemplo é o “anseio de elevar-se”), ao impacto sobre a vida dos indivíduos e a ordenação social. O que se deveu, como visto, ao estabelecimento de um “indivíduo cristão-burguês” (SÁNCHEZ, 2003, p. 71), favorecido por um contexto marcado pela descapitalização de Castela, pela vitória da Igreja sobre a Reforma e por uma política imperialista florescente-porém-defectiva da Monarquia. Nesta linha, não obstante *Lazarillo* ostente valores como tolerância religiosa e diversidade, o poderio da Igreja Católica ainda se assegura nas lutas do século XVII, com a dinastia e a dianteira dos Habsburgos pela Europa, fervorosamente guiados pelas doutrinas romanas de obediência espiritual.

Com isso, arrematamos frisando o notável feito do romance picaresco *Lazarillo* de ter sido – num período de tantas convulsões, de expansão estrondosa da Espanha, mas, ainda assim, de privações – significativo operador no projeto de fazer matéria intelectual da pobreza, infeliz conjuntura social da população espanhola mesmo e contraditoriamente no que se consolidou “o Século de Ouro”, aquele de sua publicação. A obra cumpre com sua intenção de criticar e denunciar corrupções, mostrar que, ainda no século XVI, eram muitos não apenas os “Lázaros”, jovens que precisavam recorrer à malandragem para se esquivar da indigência, mas também os nobres empobrecidos, como o escudeiro, figuras essas que ficaram às margens mesmo da narrativa espanhola imperial. *Lazarillo*, além de oferecer inédito espaço à pobreza e ao pobre, os traz para o centro enquanto problemáticas a serem debatidas de vários pontos de vista, como social, religioso, econômico *etc.* E daí a maestria de seu autor anônimo, deveras ciente dos perigos de “colocar o dedo na ferida”, em especial, na cena de uma Inquisição impaciente e tempestuosa, não tendo vacilado nem mesmo assim. Ao compor e publicar seu romance, ele tornou pública a responsabilidade:

“There is no life of any man who roams the world which does not have the stuff of a great history.” The author of Lazarillo de Tormes proved him right. Literary creation was the means of Lázaro-Lazarus’s transformation into the sire of a prolific genre. [...] The narrative is both product and production, commerce and merchandise. The town crier cried out a tale of public woes – and created a new literary currency. (MAIORINO, 2003, p. 142)

Sem embargo, essa obra ainda nos chega com muito de sua concretude: a pobreza e seu pior adjunto, a fome, são realidade de inúmeros globo afora, frustrando o inabalável desejo de progresso que acompanha o homem ao longo dos tempos, de que ele, “sentado em ombros de gigantes” – enunciado que alude a nomes como Bernard de Chartres e Isaac Newton –, soubesse tirar melhor proveito social do acúmulo de conhecimento intelectual, da rede de iluminação que é passível de ser obtida de mentes em articulação. A aparência ainda é, senão o principal, um dos principais regentes das interações sociais. Confirmando tristemente sua atualidade, *Lazarillo* nos conscientiza de que marginais existiram, ou, dito de outra forma, de que a ânsia imperialista de uma aristocracia espanhola cristã compôs condições perfeitas para que o pobre e a pobreza não só despontassem como perdurassem. Pois esses regimes (políticos, religiosos, econômicos, ideológicos *etc.*) e suas modulações de privilégios geram o subalterno e quem não deve sê-lo, escolhem o superior e o inferior, quem tem valor e quem pode morrer. Mas o romance se presta também a nos lembrar de que aqueles à margem continuam existindo, continuam resistindo; como antes, precisam de voz, assistência, suas necessidades supridas - e, não, que sejam ainda mais excluídos, abafados, ignorados. Não é expansão e prosperidade de poucos se às custas da miséria de muitos.

Mais amplamente falando, essa obra nos chama a atenção para a urgência social da mudança enquanto humanidade, de acessar os mecanismos e as relações de poder para repensar categorias e procedimentos, estratégias e tomadas de ação, resultados a serem alcançados com vistas a melhores configurações de sociedade. O poderoso instrumento social que é a arte tornou possível que a denúncia feita pelo autor de *Lazarillo* no século XVI viesse e coubesse também para nós, do século XXI, lotados num regime capitalista global que começou a dar seus primeiros sinais de existência já na trágica demonstração de suas lacunas e debilidades. Nesta equação, saíram e saem perdendo os muitos Lázaros factuais. Muito menos mero do que se supõe (para nós, a propósito, nada mero), também nisto se traduz o poder da literatura.

Referências

AGUINAGA, Carlos Blanco; PUÉRTOLAS, Julio Rodríguez; ZAVALA, Iris. **Historia social de la literatura española**. Volume I. Madrid: Ediciones Akal, S. A., 2000.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

ANÔNIMO. **Lazarillo de Tormes** (edição bilíngue). Colección/Coleção Orellana, tradução de Pedro Câncio da Silva, prefácio de Mario M. González, edição espanhola de Millagros Rodríguez Cáceres. São Paulo: Página Aberta; Brasília (DF): Scritta Editorial, 1992.

ANÔNIMO. **Lazarillo de Tormes**. Apresentação de Antonio García Ángel. Bogotá: Instituto Distrital de las Artes (IDARTES), 2012.

ANÔNIMO. **Lazarillo de Tormes**. Edição, introdução e notas de Aldo Ruffinatto. Editorial Castalia - Unigraf, S.A. Móstoles (Madrid), 2001.

BEVERLEY, John. El *Lazarillo* y la acumulación originaria. In: BEVERLEY, John. **Del Lazarillo al Sandinismo: Estudios sobre la función ideológica de la literatura española e hispanoamericana**. Minneapolis: The Prisma Institute, pp. 47-64, 1987.

CRUZ, Anne. **Discourses of Poverty: Social reform and the picaresque novel in Early Modern Spain**. Toronto: University of Toronto Press, 1999.

DURÁN, Rosa Navarro. Dar la palabra al texto de "*La vida de Lazarillo de Tormes*". **Revista Canadiense de Estudios Hispánicos**, 41 (1), pp. 11-33, 2016. Disponível em: [jstor.org/stable/26310080](https://www.jstor.org/stable/26310080). Acesso em: 12/01/2021.

GOLDMANN, Lucien. **Pour une sociologie du roman**. Paris: Gallimard, 1965.

GÓMEZ-MENOR, José Carlos. Seis notas al *Lazarillo de Tormes* (desde el campo de la paleografía). **Boletín de la Real Academia Española**, 63, pp. 103-104, 1978.

GUILLÉN, Claudio. **Literature as system: essays toward the theory of literary history**. Princeton: Princeton University Press, 1971.

KURLANSKY, Mark. **The Basque history of the world**. Walker & Company, 1999.

LÓPEZ-VÁZQUEZ, Alfredo Rodríguez. Las dos partes del *Lazarillo de Tormes*, la Reforma Protestante y la atribución a Francisco de Enzinas. **Janus: estudios sobre el Siglo de Oro**, v. 5, pp. 49-64, 2016. Disponível em: bit.ly/34VQetP. Acesso em: 18/01/2021.

MAIORINO, Giancarlo. **At the Margins of the Renaissance** (*Lazarillo de Tormes and the Picaresque Art of Survival*). The Pennsylvania State University Press, 2003.

MARAVALL, José Antonio. **La literatura picaresca desde la historia social**. Taurus, 1986.

_____. From the Renaissance to the Baroque. In: **Literature among discourses: the Spanish Golden Age**. Edited and introduced by Wlad Godzich and Nicholas Spadaccini. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

OLIVEIRA, Katia Aparecida da Silva. Entre cavaleiros e pícaros: Literatura e sociedade espanhola da Idade Média ao Renascimento. **SIGNUM (Revista da ABREM)**, v. 18, n. 1, pp. 104-122, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3y348oD>. Acesso em: 1/12/2021.

PAGDEN, Anthony. **Lords of all the World. Ideologies of Empire in Spain, Britain and France** (c. 1500 – c. 1800). New Haven: Yale University Press, 1995.

PARKER, Alexander. **Literature and the delinquent: the picaresque novel in Spain and Europe** (1599-1753). Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.

RICO, Francisco. **La novela picaresca y el punto de vista**. Barcelona: Seix Barral, 2000.

_____. **Problemas del Lazarillo**. Madrid: Cátedra, 1988.

RODRÍGUEZ, Juan Carlos. **La literatura del pobre**. Granada: Comares, 1994.

RUBIO, Francisco García. El “wikileaks” del caso Lázaro de Tormes: Problemáticas jurídicas y jurisdiccionales. **eHumanista**, v. 18, pp. 228-247, 2011. Disponível em: dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5504088. Acesso em: 30/01/2021.

SÁNCHEZ, Francisco. **An early bourgeois literature in golden age Spain: Lazarillo de Tormes, Guzmán de Alfarache and Baltasar Gracián**. The University of North Carolina (Department of Romance Languages in Chapel Hill), 2003.

SCHELER, M.; STARK, W. The Thomist ethic and the spirit of Capitalism. **Sociological Analysis**, 25 (1), 4, 1964. Disponível em: doi:10.2307/3710539. Acesso em: 17/02/2022.

SUÁREZ, Francisco. **A treatise on Laws and God, the Lawgiver**. Translation from Latin by G. Williams, A. Brown and J. Waldren. Oxford: Clarendon, 1944.

VACA LORENZO, Angel. Expansión agraria, urbana y comercial en los siglos XI al XII. In: ANTÓN, José María Monsalvo. **Historia de la España medieval**. Salamanca, 2014.

VALVERDE, María de la Concepción Piñero. Terra de Fronteiras: a Espanha do século XI ao século XIII. In: MONGELLI, Lênia Márcia. **Mudanças e rumos: o ocidente medieval séculos XI-XIII**. Cotia: Íbis, 1997, pp. 149-184.

Recebido em 03/04/2022

Aceito em 12/05/2022

Publicado em 30/09/2022

LAZARILLO DE TORMES, THE MARGINAL AND (M) HIS POETICS OF THE PRIVATE (DIS)PLACE

Amanda Naves Berchez
Unesp - Araraquara
(amandaberchez@gmail.com)

Abstract

Our main aim is doing an analysis of *Lazarillo de Tormes* that shows this work's journey into different fields of *marginality*, as in theoretical and historical aspects, in elements of the narrative (especially, character and space), in domains such as the social, political and religious. Hence we mobilize different methodologies, in an exercise tending to the historical-sociological reading, what leads to one of our hypotheses being that the *displacement* experienced by the work at various levels is symptomatic of the phenomenon of transition from a medieval society arranged in Christian kingdoms under seigniorial regime and principles to another structured among the rich and the poor, that is, according to the possession of wealth and money, religious relativism and individual self-affirmation. In this sense, *Lazarillo* illustrates how poverty, more than an economic-political-social issue, also becomes a matter *of and for* the intellect, what serves to explain the censure suffered until 1834. Finally, we will address how literature worked with the emergence, from a fictional point of view, of a civil society, its essence *versus* its appearance, its promises, its dangers, its failures.

Keywords: *Lazarillo de Tormes*. Romance picaresco. Marginalidade. *Siglo de Oro español*. Ideologia burguesa.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------

LAZARILLO DE TORMES, EL MARGINAL Y (M) SU POÉTICA DEL (DES)LUGAR PRIVADO

Amanda Naves Berchez
Unesp - Araraquara
(amandaberchez@gmail.com)

Resumen

Nuestro objetivo principal es hacer un análisis de *Lazarillo de Tormes* que muestre la incursión de esta obra en diferentes campos de *marginalidad*, tanto en aspectos teóricos e históricos, en elementos de la narrativa (especialmente, personajes y espacio), en dominios como lo social, lo político y lo religioso. Movilizamos diferentes metodologías, en un ejercicio tendente a la lectura histórico-sociológica, entonces una de nuestras hipótesis es que el *desplazamiento* experimentado por la obra en varios niveles es sintomático del fenómeno de transición de una sociedad medieval ordenada en reinos cristianos de régimen y principios señoriales a otra estructurada entre ricos y pobres (es decir, según la posesión de riquezas y dinero), de relativismo religioso y autoafirmación individual. En este sentido, *Lazarillo* ilustra cómo la pobreza, más que una cuestión económico-política-social, se convierte también en un asunto *de y para* el intelecto, lo que sirve para explicar la censura sufrida hasta 1834. Finalmente, abordaremos cómo la literatura trabajó con el surgimiento, desde un punto de vista ficcional, de una sociedad civil, su esencia *versus* su apariencia, sus promesas, sus peligros, sus fracasos.

Palabras-clave: *Lazarillo de Tormes*. Novela picaresca. Marginalidad; *Siglo de Oro español*. Ideología burguesa.

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 11	n.1	1-27	e022010	2022
----------------------------	-------------	-------	-----	------	---------	------